

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

Audição e Comportamento Expressivo na Creche:

Música e Expressão Plástica

Filipa Nunes

Relatório realizado sob a orientação

Doutora Maria de São José Côrte-Real

Mestrado em Educação do Ensino Pré-Escolar

2012/ 2013

Lisboa, Julho de 2013

“Cada criança nasce numa circunstância que, desde sempre e para sempre, não foi nem jamais será repetida. Numa circunstância ÚNICA.”

João dos Santos (1991)

Dedicatória

Dedico todo este meu empenho que muito trabalhoso se revelou ser, a todas as pessoas que são trabalhadoras-estudantes e que mesmo assim não desistem de realizar esta conquista que é a formação do nosso ser!

Agradecimentos

Agradeço a Professora Helena Mota, Vera Malhão, Celeste Ribeiro e Helena Quintela pela disponibilidade, atenção dispensada, paciência, dedicação e profissionalismo... um Muito Obrigado.

Agradeço a minha orientadora Professora Doutora Maria de São José Côrte-Real, pela disponibilidade e flexibilidade que apresentou nos momentos em que mais precisei.

Agradeço a minha orientadora de estágio, Professora Joana Duarte, pela atenção dispensada... bem-haja!

Agradeço à menina dos meus olhos, Beatriz, pela força que me deste apenas com o teu sorriso. Ensinaste-me o caminho a seguir, e a escolha que devia fazer... Obrigado por compreenderes a minha ausência durante tantos momentos importantes da tua vida.

Agradeço ao meu amor, meu companheiro, meu amigo, meu homem, meu mais que tudo... pela disponibilidade que sempre demonstraste em me ajudar, por compreenderes a minha ausência e a minha falta de paciência.

Obrigado por toda a força nos momentos de incerteza, que aparecem com frequência nestes caminhos longos e difíceis que se percorre quando se procura a evolução e novos saberes.

Sem ti tudo seria mais difícil...

Agradeço à minha família, em particular, à minha mãe, que sempre acreditou em mim e me deu força para realizar um sonho que me ajudaste a encontrar e a concretizar! Desculpa todo o mau feitio que o stress do dia-a-dia me fez descarregar em ti...

Aos meus amigos, em especial à Ana Mafalda Águas, Dina Camacho e Sónia Silvestre, pelo seu apoio nas horas mais difíceis.

Resumo

O presente relatório científico assenta no paradigma da investigação qualitativa, tendo o investigador uma observação participante, descrevendo objetivamente o contexto em que está inserido, colocando a sua interpretação do que observa. Neste processo, o investigador recolhe os dados fazendo descrições rigorosas e detalhadas do que está a observar, tendo em conta o contexto onde está inserido, através de notas de campo.

Pretende esclarecer o que observa, dando-lhe o seu próprio sentido das situações que visualiza. Este processo leva o investigador a desenvolver uma prática reflexiva, questionando a realidade onde está inserido.

Neste sentido, este estudo aborda uma problemática: **“Como caracterizar mais-valias na ligação entre a audição musical e expressão plástica no exercício pedagógico com crianças entre os 12 e os 24 meses”**, possibilitando a compreensão da influência que a música tem sobre a criança quando estas desenvolvem atividades de expressão plástica. Propomos um estudo que dê resposta à questão emergente, analisando a análise e recolha de dados, traduzidos nas questões orientadoras.

Estes aspetos ajudam-nos a compreender como o educador pode ajudar a criança a usufruir de forma livre e espontânea destas duas expressões aliadas uma com a outra.

A importância deste estudo assenta na preocupação que o educador deve manifestar no desenvolvimento da criança, promovendo aprendizagens prazerosas, autoconfiança e autonomia.

Relativamente ao valor deste tipo de exploração, penso que todas as experiências que se puder proporcionar à criança desta faixa etária são mais-valias, desde que lhes seja atribuída uma intencionalidade. Estes primeiros anos de vida são essências para o seu desenvolvimento, tendo o adulto um papel fundamental.

No que diz respeito à expressão plástica, os cuidados do educador devem ser sempre o de não procurar a estética do que a criança realiza, pois não é isso que vai ajudar a criança no seu desenvolvimento, mas sim a apreciação do conteúdo emocional que aquela criação apresenta.

Este estudo é baseado em referências teóricas como Santos (2009), Sousa (2003), Gordon (2008) e Amado (1999), entre outros, que abordam aprendizagens musicais em creche, a importância da via emocional nas expressões e a educação pela arte.

Palavras-chave: Expressão Plástica, Audição Musical, Estímulo e Creche

Abstrat

This scientific report is based on the paradigm of qualitative research, and the researcher participant observation, objectively describing the context in which it is inserted, and placing his interpretation of what he observes. In this process, the researcher collects data using rigorous and detailed descriptions of the things he is observing, taking into account the context in which it operates, through field notes.

Pretending to clarify what he observes, giving his own sense of the situations that he views. This process takes the researcher to develop a reflective practice, questioning the reality where he belongs. In a sense, this study addresses a problem: "How can we characterize the gains on the link between music listening and artistic expression in the pedagogical exercise with children between 12 and 24 months", enabling the understanding of the influence that music has on children when these activities develop artistic expression. We propose a study that addresses the emerging issue, analyzing the data collection and analysis, translated into the guiding questions.

These aspects help us to understand how the educator can help the child to enjoy freely and spontaneously these two expressions allied with one another.

The importance of this study lies in the concern that the educator must manifest in the child development, promoting pleasurable learnings, self-confidence and autonomy.

Taking into account the value of this type of exploration, I believe that all the experiences one can provide the child at this age group are capital gains, as long as they are given a intentionality. These early years of life are the essence for their development and adults have a fundamental role.

Regarding the plastic expression, care takers must always be not seeking the aesthetics of the child performances, because that is not what will help the child in his development, but the appreciation of the emotional content that that creation presents.

This study is based on theoretical references such as Santos (2009), Sousa (2003), Gordon (2008) and Beloved (1999), among others, that address musical learning

in kindergarten, and also the importance of emotional expressions through education and art.

Keywords: plastic expression, music audition, stimulus, day care center

Índice

Epigrafe	1
Dedicatória.....	2
Agradecimentos	3
Resumo	4
Palavras-chave	5
Abstrat	6
Keywords	7
Índice	8
Índice de Tabelas	10
Introdução	11
a. Envolvência Sonora e percurso formativo de aproximação ao tema	11
b. O conhecimento do grupo e as motivações específicas para este estudo	12
c. Ação da música, definição do problema e questões a investigar	13
d. Contextualização do campo e da metodologia seguida	15
e. Organização do texto	15
Capítulo I – Enquadramento teórico	17
1.1) Características da faixa etária	17
1.2) Enquadramento teórico	18
a. Evolução da música	18
b. Valor da música como estimulante da atividade em geral	20
c. Expressão plástica na 1.ª Infância	21
d. Importância da música na estimulação da atividade / movimentação / ritmo	23

Índice de Tabelas

Tabela 1

- Reações das crianças na exploração de atividades de expressão plástica com e sem música..... 29

Introdução

“ A educação deve integrar tudo, no sentido de estimular e ajudar a criança a encontrar-se a si própria e a integrar-se na cultura da sociedade em que vive”

Maria Eugénia Branco (2000)

O presente relatório insere-se na Área do Mestrado em Educação Pré-Escolar designada de Prática de Ensino Supervisionada – PES, tendo como objetivo a realização de um relatório final para que o estudante adquira competências de observação, descrição, e interpretação desenvolvendo uma atitude de questionamento face à realidade que está a vivenciar no meio educativo.

a) Envolvência Sonora e percurso formativo de aproximação ao tema

O meu percurso formativo começou muito cedo, aos 2 anos informalmente e formalmente aos 6 anos na escola primária de Almoçageme. Entre as minhas primeiras recordações auditivas, não me recordo bem de aspetos informais que especificamente em família me possam ter despertado para a sensibilidade que me levou a este tema. Recordo que, na escola pré-primária e já então no 1º ciclo, os sons musicais que mais retive relacionam-se com um instrumento musical específico, a flauta. Lembro-me desde pequena que nas festas e romarias de Almoçageme via a banda filarmónica a tocar vários instrumentos distintos, tendo isso desde cedo despertado em mim alguma curiosidade. Numa fase intermédia, no ensino secundário usei head-phones, leitor de mp3, leitor de cd's e cassetes. Nessa mesma altura o tipo de música que me despertava alguma curiosidade e interesse era os ritmos africanos, como a kizomba, o kuduro e

outros ritmos latinos. Já no ensino superior, a minha motivação a nível musical ficou mais direcionada para as crianças, que se apresentavam bastantes envolvidas em tudo o que estivesse relacionado com o ritmo, a melodia e o movimento corporal que a ele está associado. Durante os estágios que realizei ao longo de todo o curso, tenho vindo a perceber que a expressão musical é, em regra, apresentada como uma “exploração” à parte de todas as outras. Prova disso é a existência de uma professora de expressão musical em quase todos os colégios, quando acredito que uma educadora consegue adequar mais facilmente todo o seu trabalho a esta expressão tão enriquecedora no desenvolvimento de uma criança.

b) O conhecimento do grupo e as motivações específicas para este estudo

Ao iniciar o estágio na valência de creche fiquei responsável de sala, fator que permitiu desenvolver uma atitude proactiva na minha intervenção pedagógica desde o primeiro momento. Iniciei o percurso com uma adaptação tranquila no que se refere ao grupo de crianças, adultos, espaço e planificação semanal de atividades pedagógicas que fossem diferenciadas e significativas respeitando o ritmo e individualidade de cada criança.

Quando no estágio comecei por realizar diversas atividades de expressão plástica em dois pequenos grupos, usando digitinta, massa de cores, pintura com pinceis, cotonetes, esponja, entre outras, rapidamente verifiquei com surpresa que o grupo de crianças entre os 12 e os 24 meses não explorava a atividade de forma livre, quase como se estivesse com medo de se sujar. Observei também que se distraíam facilmente com o que os rodeava. Numa manhã em que decidi colocar música sem qualquer intencionalidade enquanto faziam digitinta verifiquei que o entusiasmo e o à vontade foram francamente notórios. Decidi então reconhecer esta motivação e orientei o meu estudo para o entendimento desta situação.

Comecei a utilizar a música como estratégia, agora sim, atribuindo-lhe uma intencionalidade: a de fazer com que o grupo de crianças se focasse mais na atividade que estava a realizar e se libertasse esquecendo o fator sujar a roupa e explorando o momento com o corpo todo. Após algumas reflexões sobre as notas de campo recolhidas, e levantadas algumas questões que inquietaram a minha intervenção

pedagógica motivei-me para o estudo da expressão musical como elemento enriquecedor durante as atividades de expressão plástica. Ao desenvolver atividades de expressão plástica com o grupo tomei algumas notas de campo, nas quais registei a observação de que a música é um fator que marca a diferença na forma como as crianças exploram os materiais ao longo das diversas ações promovidas.

c) Ação da música, definição do problema e questões a investigar

No contexto da minha ação pedagógica no estágio do final do curso surgiu então o problema principal do meu estudo: como caracterizar mais valias na ligação entre a audição musical e a expressão plástica no exercício pedagógico neste grupo de crianças entre os 12 e os 24 meses? A caracterização destas mais valias sublinhará o valor de métodos de ensino/aprendizagem ativos, baseados nas reações das crianças. Ela aproximar-me-á de três relevâncias pedagógicas relacionadas com (1) o conhecimento de cada criança em grupo, (2) o relacionamento da descontração com a concentração de cada um e em grupo e (3) a promoção do sentimento de segurança de cada um em grupo. A música apresentou-se-me neste contexto como um elemento facilitador e mesmo enriquecedor das atividades de expressão plástica. Esta é assim a hipótese que testei e que defenderei ao longo deste relatório final. Alarguei o meu campo de observação para englobar as crianças da faixa etária dos 12 meses, que à partida queria deixar de fora das minhas interpretações. Tive em consideração que a minha intervenção pedagógica abrange esta faixa etária e que estas crianças revelam interesse nas atividades propostas. O episódio seguinte, registado nas notas de campo, reforça a afirmação anterior:

O X (1 ano e 9 meses) quando se dirige à mesa para iniciar a atividade de digitinta mexe só com os dedos na tinta e fica a olhar para mim. Eu incentivo-o a continuar a abrir a mão e a sentir a tinta, mas ele não o faz, dizendo que não com a cabeça. Bem! Deixei-o estar e pensei pôr música clássica a tocar. Coloco a música (W. A. Mozart: So Wonderful - The Magic Flute) e passado poucos minutos vejo o X a explorar a digitinta com as mãos e os braços todos, envolvido por completo, ao ritmo da música, fazendo imensos movimentos circulares e sorrindo. Não voltou a olhar para mim a não ser quando baixei o volume da música e lhe disse para ir lavar as mãos.

Nota de campo de 19/03/2013

Ao observar que o X estava apreensivo em experimentar a digitinta colocada em cima da mesa, tentei ir ao encontro do seu eventual gosto pela música de forma a desbloqueá-lo e estimulá-lo. Ao colocar a música o X começou espontaneamente a explorar o material. Revelou-se proveitosa, neste episódio, a minha iniciativa de levar a criança a desbloquear por si a sua participação na iniciativa solicitada, como sublinham Hohmann e Weikart:

No sentido lato, os adultos são apoiantes do desenvolvimento e, como tal, o seu objetivo principal é o de encorajar a aprendizagem ativa por parte das crianças. Os adultos não dizem às crianças o que aprender ou como aprender – em vez disso dão às crianças o poder de terem controlo sobre a sua própria aprendizagem (2009: 27).

A caracterização de mais valias na ligação entre a audição musical e a participação pedagógica, neste caso a expressão plástica, interessa-me especialmente porque no geral na minha prática educativa valorizo as aprendizagens ativas, especialmente exercitadas nas chamadas práticas performativas. Este processo educativo, procura e promove relacionamentos individualizados partindo dos perfis específicos e desenvolvendo os interesses de cada criança na exploração de novos materiais e estratégias de ação. Tendo verificado que a audição musical é um elemento que desperta a iniciativa da criança para a realização de atividades plásticas, pretendo usá-la como veículo promotor de estímulos de ação na experimentação de novos materiais e estratégias de ação.

Acredito que esta é uma atitude que transmite confiança às crianças e as deixa desenvolver as suas autonomias e gostos na exploração de atividades de expressão plástica, sendo esta uma forma promotora de aprendizagens significativas. Após uma breve reflexão sobre esta problemática, e numa tentativa de perceber melhor a ação da audição musical no desenvolvimento da expressão plástica construí as seguintes questões específicas: Como é que dois subgrupos, para melhor observação de cada criança, reagem na ação da expressão plástica com e sem audição musical? Haverá diferenças substanciais na expressão plástica quando uso diferentes tipos de música no exercício? Como identificar diferentes comportamentos de expressão plástica em

diferentes crianças? Assim, a minha observação participante foi orientada no sentido da recolha de informação necessária para responder a estas questões de investigação.

d) Contextualização do campo e metodologia seguida

A identificação do problema emergiu durante a prática educativa realizada em contexto de creche, ao longo do estágio, no Centro Paroquial e Social de São João das Lampas, com um grupo de crianças entre os 12 e os 24 meses e enquadra-se na área *da expressão e comunicação – expressão musical e expressão plástica*.

Nesta medida, o problema que construo neste estudo, assenta numa investigação qualitativa, onde a interpretação do que se observa é uma característica. Após registar detalhadamente o que observei, usando as notas de campo, surge uma inquietação em relação à exploração da expressão plástica, pois algumas crianças do grupo demonstram-se um pouco contidas.

e) Organização do texto

Na *Introdução* apresento o meu percurso formativo, a pertinência do estudo, a metodologia utilizada para a realização e pesquisa do presente relatório e por fim, o levantamento do problema e respetivas questões orientadoras.

No Capítulo I surge o enquadramento teórico do tema escolhido onde se pretende analisar o valor da música como reforço e estímulo no desenvolvimento de competências na 1ª infância e da sua relação enquanto elemento promotor do gosto e interesse pela expressão plástica em crianças com idade compreendida entre 12 e 24 meses. Pretende-se fazer um cruzamento das duas temáticas, expressão plástica e audição musical, que são abordadas e envolvidas ao longo do trabalho desenvolvido. Este é sustentado por referenciais teóricos adequados a temática abordada que dão sustentabilidade científica ao presente relatório.

O Capítulo II apresenta o método seguido ao longo do trabalho, explicitando e descrevendo a investigação qualitativa/interpretativa e ainda a relevância das notas de campo como material de recolha de dados que dão sustentabilidade ao trabalho. Neste

caso refiro-me aos modos como apresentei diferentes músicas enquanto solicitei atividades de expressão plástica às crianças, dividindo-as em grupos distintos.

No Capítulo III será apresentada a análise dos dados recolhidos durante a pesquisa para a realização deste trabalho, e ainda as verificações retiradas sobre a observação através das notas de campo e do seu cruzamento com referenciais teóricos. Neste processo pretende-se refletir sobre o percurso realizado para que as conclusões sejam baseadas em pilares de forma a melhorar futuras práticas e intervenções pedagógicas, Segundo Freire (1996) *É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática* (in Magalhães 2008: 14).

Por fim, é feita uma conclusão confirmando as propostas referidas na introdução, relativas à ligação entre a audição musical e a expressão musical tendo como finalidade, apresentar as principais ideias referidas ao longo do trabalho tendo em conta a fundamentação teórica. Aqui respondo ao problema, referindo alguns constrangimentos, denunciando a minha vontade de continuar ou não o estudo se assim for pertinente.

Capítulo I – Enquadramento teórico

O presente capítulo foca e descreve as características do desenvolvimento das crianças com idades compreendidas entre os 12 e os 24 meses, para se compreender as aptidões da criança nesta faixa etária para a realização de atividades de expressão plástica e ainda a importância da música no desenvolvimento infantil. Deste modo, assume-se, desde já, a densidade deste capítulo, considerando de grande importância a sustentação teórica do estudo realizado.

1.1) As crianças dos 12 aos 24 meses

A primeira infância é uma fase da vida que envolve mudanças significativas a nível físico, cognitivo e social, existindo intensas vivências que vão influenciar no seu desenvolvimento futuro. Características biológicas e tendências culturais ligam-se nesta fase com intensidade muito significativa. Este é, por isso mesmo, um período em que se constitui a base de toda a formação da personalidade da criança. Logo que o bebé nasce, ele começa a adquirir conhecimentos sobre o mundo que o rodeia e a revelar-se com um comportamento que, ainda que seja culturalmente relativo, o tornará único.

Segundo Piaget, as crianças dos 0 aos 2 anos, encontram-se no *estádio sensório motor*. Durante este estágio os bebés aprendem acerca de si próprios e do mundo, através da sua atividade sensorial e motora em desenvolvimento. Passam de seres que respondem com reflexos e comportamentos aleatórios para crianças com objetivos. Para Piaget, *enquanto a aprendizagem resulta de trocas específicas com o mundo exterior, o desenvolvimento resulta da equilibração* (in Kamii 2003: 34).

No que diz respeito ao desenvolvimento psicomotor a criança desta faixa etária, gatinha perfeitamente, mantém-se equilibrada sem um único ponto de apoio, começa a caminhar aumentando a segurança, lança a bola e objetos com destreza e boa pontaria,

inicia o desenvolvimento da motricidade fina, come sozinha utilizando a colher, tentando não entornar a comida e sobe e desce escadas, sem dar a mão. Brazelton afirma que *por volta dos dezoito meses, dois anos, a criança passa todo o dia a fazer experiências* (2009: 205) no que diz respeito às suas capacidades motoras.

Quanto ao desenvolvimento cognitivo, é normalmente verificado que a criança manifeste um desenvolvimento completo da reação circular terciária ou descobrimentos por experiência ativa, que varie os gestos e os movimentos do corpo em função do seu desejo de ação e aprenda por tentativa e erro. No desenvolvimento da linguagem, a criança desta faixa etária aumenta o conhecimento das palavras, ouve os adultos com muita atenção, tenta imitar repetindo sons ou as suas próprias vocalizações e responde e obedece a ordens simples. Este é um processo no desenvolvimento que deve ser vivenciado com calma, segundo Brazelton *corrigir a criança só lhe aumenta a carga emocional. Deve-se-lhe dar tempo e não força-la ou fazê-la sentir-se pressionada* (2009: 222).

Por fim, quanto ao desenvolvimento pessoal e social, gosta de estar rodeado de adultos, repete as ações aplaudidas e elogiadas pelos adultos, a sua atividade é essencialmente solitária, aparecem sentimentos de rivalidade, têm curiosidade pelo próximo, a relação espontânea com o próximo é pelo desejo individualizado de identificar um objeto, que normalmente cria um conflito e começam a desenvolver as verdadeiras emoções psicológicas: prazer e alegria, raiva, ansiedade, medo, amor, repugnância, tristeza e a presunção.

1.2) Enquadramento teórico

a. Evolução da música

Foqemo-nos então na evolução da música, diz-se que a música existiu muito antes das civilizações, e como prova temos as pinturas e gravuras pré-históricas nas culturas tribais. A expressão musical esteve durante muitos anos associada às práticas religiosas. Era normal que a prática e partilha destes ensinamentos fossem realizados em locais de culto religioso. Durante o século XIX, tal como em épocas anteriores, surgem

algumas mudanças na educação. Desta vez emerge a consciencialização de que todo o indivíduo tem direito a educação musical. Esta aplicação foi adequada a cada país.

Em Portugal, começou com a criação de coletividades onde se ensinava a música e se criavam pequenos grupos para a realização de concertos para os sócios dessas coletividades e seus convidados. Na segunda metade do século XIX, surge a música em *diversas instituições com o propósito de difundir o gosto pela música, através da formação de grupos corais, e da realização de cursos, concertos e conferências* (Amado 1999: 37). Este tipo de divulgação da música e da sua aprendizagem formou vários músicos por todo o país, dando origem a muitas escolas de música associadas principalmente a bandas de instrumentos de sopro, as chamadas filarmónicas. Cada cidade passou a ter a sua principal escola de música denominada conservatório. O Estado Português sentiu-se responsável pela organização do ensino da música assim como pela educação no geral. Assim, a escola de música principal em Portugal foi o Conservatório Nacional de Lisboa, fundado por João Domingos Bomtempo (1775-1842) após a reforma do ensino da música no país no seguimento da vitória liberal em 1834.

Com a chegada do século XX, a música ganhou um “novo rumo” no que diz respeito a educação. Valoriza mais a atenção da criança, as suas fases de desenvolvimento, bem como os seus interesses e necessidades. O novo método apostado na exploração da música prende-se com uma pedagogia ativa, que valoriza a participação da criança e do seu desenvolvimento.

... Os pedagogos, defendendo que, pelo menos durante o período de formação da personalidade, a música deveria ser usada como modo de ajuda ao desenvolvimento da personalidade (Sousa, 2003: 93).

No século XXI, Portugal marca uma posição de importância global, quando alberga em 2006, no Centro Cultural de Belém em Lisboa a Primeira Conferência de Educação Artística da UNESCO, coordenada cientificamente por um investigador musical, o Professor Doutor João Soeiro de Carvalho. A ESEIMU marcou presença com a participação de vários docentes na conferência. Entre os participantes destacam-se Ana Aires (2006) e Maria de São José Côrte-Real (2006) como apresentadoras de

ideias inovadoras no domínio da educação artística, que podem consultar-se nos resumos publicados no portal da UNESCO. Alberto Sousa e Helena Quintela tomando parte em discussões fundamentais para a defesa do lugar das artes, das expressões musical, dramática e plástica, e do carácter lúdico das aprendizagens entre outros aspectos, destacam-se entre os elos de ligação entre a ESEIMU e esta iniciativa global de Educação Artística, na qual se defendeu o papel e o lugar da música como parte integrante e integrada do ensino pré-escolar.

b. Qual o valor da música como estimulante da atividade em geral

Existem vários pedagogos que defendem diferentes métodos de ensino da música para crianças, mas todos utilizam a música interligada com outras áreas do conhecimento, estimulando as atividades que a criança realiza, contribuindo assim para o seu desenvolvimento. Temos como exemplo, Dalcroze que utiliza o corpo e a música para desenvolver a psicomotricidade e a criatividade. Segundo Sousa *é um método de formação musical ativo no qual a aprendizagem da música se faz através da participação do corpo* (2000: 12). A música é um elemento estimulante da atividade no geral, pois a criança só se desenvolve vivenciando diversas experiências criativas que envolvam a improvisação, o jogo, a melodia, a criatividade, o corpo, etc. Como refere Sousa:

A fundamentação dos princípios Orff, resume-se no agir, reagir, integrar e colaborar. Nesta fundamentação reside um conjunto de elementos que presidem à orientação de toda a sua metodologia- ritmo, melodia, criatividade, jogo, improvisação e instrumental. A partir da experiência destes elementos, a criança cresce e desenvolve a sua aprendizagem musical de uma forma viva e atraente, partindo do seu próprio mundo e das suas próprias vivências (2000:13).

A música traz muitos benefícios para a criança, pois além de a tranquilizar, estimulam a criança a se divertir e principalmente a desenvolver as suas competências cognitivas. Utilizar a música para estimular as crianças nos seus primeiros anos de vida aumenta as suas capacidades linguísticas, motoras, sensitivas e intelectuais, deixando a

criança mais confiante e desperta para tudo o que a rodeia. ... *A música não é só um reportório de canções infantis com que animam as festas, mas também é uma área de entretenimento, onde você pode mergulhar e aprender a exteriorizar sentimentos e sensações* (Arànega, 2003: 33).

Esta expressão tem um papel muito importante na realização de atividades no geral, pois possibilita à criança explorar de forma livre e despreocupada toda e qualquer atividade lúdica que lhe seja apresentada. A música funciona como elemento fundamental, pois dá segurança à criança e faz com que esta liberte movimentos que até então estavam retraídos devido a sua exposição perante o outro. Este elemento facilitador, a música, faz com que a criança se envolva no que está a realizar esquecendo o que a rodeia e distrai.

A música apresenta-se assim como um elemento orientador para a criança, pois normalmente, o educador adequa o tipo de música que canta ou coloca no rádio de acordo com o que a criança está ou vai fazer. Temos como exemplo a hora da refeição em que o educador coloca/canta uma música específica que transmite à criança que é hora de comer tudo, *Come a papa Joana, come a papa*; na hora da brincadeira/exploração lúdica o educador pode escolher e adaptar uma música que transmita à criança que pode explorar o material que tem disponível num dado momento. Segundo Pocinho, *à medida que explora os sons, a criança vai descobrindo leis de comportamento dos sons, agrupando-os de acordo com as suas características e funções* (2007: 96).

c. O que é a Expressão Plástica na 1.ª Infância

Segundo Sousa, *o termo «expressão plástica» foi adotado pela educação pela arte portuguesa, para designar o modo de expressão-criação através do manuseamento e modificação de materiais plásticos»* (2003: 159). Após esta breve definição, pode ser concluído que a expressão plástica é uma das modalidades mais variadas que existem. Podem ser diversas as explorações realizadas devido ao número elevado de técnicas diferentes e recursos que são permitidos utilizar por esta expressão.

A expressão plástica não tem como finalidade a produção de obras de arte, mas centra-se na criança e no que esta pode desenvolver com as explorações que lhe são proporcionadas, transmitindo-lhe segurança e dando-lhe satisfação. Toda esta expressão deve ser encarada como livre e espontânea, para que a criança o faça com gosto, expressando assim as suas emoções e sentimentos. *É a ação que interessa, é o ato de criar que é expressivo e não a obra criada* (Sousa 2003: 160).

O que se pretende com a realização de atividades lúdicas de expressão plástica é a exploração do material por si só, é a produção que a criança faz em si, o educador não deve procurar uma obra de arte, não deve dar qualquer intenção à criança de criar “algo bonito” aos seus olhos de adulto. O prazer deve ser o principal objetivo da criança que está a explorar o material, ela deve sentir-se segura o suficiente para se exprimir naquela pintura, modelagem, etc. O ponto alto da realização de uma atividade que envolva a expressão plástica é a expressão e não o produto que é apresentado, tal como refere Sousa, *não interessa o que a criança desenha nem o como ela o faz. Interessa apenas, que o faça, a expressão e não o seu produto* (2003: 167).

A expressão plástica na primeira infância nada mais é que a exploração de materiais plásticos de forma livre e espontânea, permitindo que a criança se desenvolva num ambiente harmonioso e que se descubra a si própria e aos sentimentos que nutre por determinada característica tanto a nível pessoal como social. Nestes primeiros anos de vida, que é onde está a essência do trabalho aqui desenvolvido, a criança utiliza tudo o que o educador lhe põe a frente, simplesmente para se expressar e criar; deixar a sua marca. Neste momento em que a criança inicia a sua exploração plástica, cabe ao educador medir quais os melhores materiais a disponibilizar à criança. Temos de ter em conta, que um lápis não deixa uma marca forte e apelativa, primeiramente porque a criança não tem ainda a destreza suficiente para o pegar e utilizar de forma a criar um impacto forte e depois porque este não desliza com facilidade no papel, podendo mesmo chegar a partir-se.

A criança desta faixa etária gosta de sentir, agarrar e experimentar novas texturas e formas, desta forma existem inúmeras técnicas que se podem apresentar, tais como a digitinta, a areia molhada, a massa de cores, barro, etc. Deve ser permitido à criança desenhar com todo o seu corpo de forma a explora-lo e a ter consciência das diferentes

partes do seu corpo. *A criança pode ainda desenhar com um pau, as pontas dos dedos, a mão e até com todo o antebraço*” (Sousa 2003: 187).

A criança neste estágio sensório-motor, efetua o seu desenvolvimento através de experiências sensoriais e a nível da motricidade. Ela exprime-se emocionalmente com movimentos explosivos que envolvem todo o seu corpo. Toda a criança é criativa, mas neste estágio o que mais se verifica é a imitação do outro, vê um fazer e segue o seu exemplo. Segundo Santos, *a expressão plástica é um dos modos mais característicos que a criança tem, não só de observar e manipular a matéria, de forma criativa, como, também, de comunicar ao exterior a sua particular visão do meio, sua aquisição permanente de noções e a necessidade de partilhar com os outros o seu estado emocional*” (Santos 1997: 1098).

d. Importância da música na estimulação da atividade/movimentação/ritmo

A música é importante pois dá resposta à criança no que diz respeito ao seu desenvolvimento da expressão e criatividade. Esta ajuda a estimular a imaginação e a sensibilidade da criança, aliando o ritmo, o movimento e a atividade em si. Segundo Gordon, existem 3 tipos diferentes de audição preparatória que descrevem a participação da criança nas atividades musicais propostas, sendo o primeiro intimamente ligado à faixa etária pertinente para a realização deste trabalho: aculturação, onde a criança participa mas não tem muita consciência do meio ambiente que a rodeia. Aqui, as crianças emitem uma resposta intencional quando se deparam com a música, quer isto dizer que a criança *tenta relacionar movimento e balbúcio com os sons da música ambiente* (2008: 47).

O papel do educador nesta fase de exploração da criança, é não estar à espera de nada de imediato por parte da criança que está a vivenciar esta novidade tão recentemente. Deve ter sempre presente que o importante é a atividade em si e não a atenção com que está à música. A criança precisa do seu tempo para assimilar o ambiente musical, assim como aprender a cantar e a movimentar-se ao som da música.

Antes de relacionar a música com a atividade/movimentação e ritmo, devo fazer uma pequena descrição do que se trata cada uma das temáticas. Segundo Santos, ... *ritmo como a proporção estabelecida entre os tempos dos diversos movimento provocados pela música (...) o ritmo estabelece uma relação entre o espaço e o tempo* (1997: 1341).

Sendo assim, a música está intimamente ligada com o corpo, pois o ritmo determina os movimentos que o corpo realiza. Tal como afirma Arànega: *ritmo e corpo estão quase sempre juntos. Quando uma criança tem um bom senso de ritmo, possui também um comando adequado de seu corpo* (2003: 42).

Capítulo II – Metodologia

a. Investigação qualitativa

Este relatório de investigação enquadra-se na investigação qualitativa porque segundo Berger e Luckmann (1966) esta é caracterizada por elementos subjetivos (in Afonso 2005: 14). Na realização deste estudo os procedimentos metodológicos vão de encontro a uma investigação qualitativa onde o principal objetivo é aprofundar determinados comportamentos observados. A investigação qualitativa é *metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das perceções individuais* (Bogdan e Biklen, 1994: 11).

Pelo contrário o tratamento da informação qualitativa é um processo mais ambíguo, moroso, reflexivo, que se concretiza numa lógica de crescimento e aperfeiçoamento. A formatação do dispositivo não é prévia ao tratamento dos dados. Pelo contrário, constrói-se e consolida-se à medida que os dados vão sendo organizados e trabalhados no processo analítico e interpretativo (Afonso 2005: 118).

Neste tipo de investigação, o investigador recolhe informação utilizando determinados procedimentos empíricos para que possa interpretar a realidade que estuda. Tal como afirma Afonso: *a investigação qualitativa preocupa-se com a recolha de informação fiável e sistemática sobre aspetos específicos da realidade social usando procedimentos empíricos com o intuito de gerar e inter-relacionar conceitos que permitam interpretar essa realidade* (2005: 14).

Os principais instrumentos de investigação para a realização deste estudo foram a observação participante e o registo detalhado (notas de campo). A questão levantada surge deste contato direto com o grupo. Como enunciam Bogdan e Biklen, *o investigador introduz-se no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e ganhar a sua confiança, elaborando um registo escrito e sistemático de tudo o que observa* (1994: 16).

No decorrer deste estudo encontram-se destacadas as cinco características de uma investigação qualitativa tal como nos é apresentada por Bogdan e Biklen. Os autores referem que: (1) *A fonte direta de dados é o ambiente natural* (1994: 28 e 47), onde o investigador está no contexto educativo e desempenha um papel de observador participante recolhendo dados a partir das observações e anotações que faz resultantes do contato direto com os sujeitos da investigação; (2) *A investigação qualitativa é descritiva* (ibid.: 48 e 49), os dados que contribuem para a investigação são anotações detalhadas e rigorosas do que o investigador observa, recolha de imagens, comentários e inferências; (3) *Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos* (ibid.: 50), o importante não é chegar a um resultado conclusivo, mas sim compreender o caminho que se percorre; (4) *Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva* (ibid.: p.50), o investigador não sabe de antemão qual será a sua conclusão, ele procura construir uma pesquisa aberta que se vai tornando cada vez mais fechada e específica; (5) *O significado é de importância vital na abordagem qualitativa* (ibid.: 50 e 51), para os investigadores qualitativos é importante compreender qual o sentido que os sujeitos que participam na investigação dão sentido as situações observadas. Segundo Bogdan e Biklen, *os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador* (ibid.: 51).

Neste sentido, o investigador frequenta o local do estudo para melhor o compreender, agindo de forma natural e envolve-se em todo o processo que desenvolve com o grupo para a realização do seu estudo naturalista. No âmbito dos estudos naturalistas, dá-se especial ênfase aos estudos descritivos, de teor qualitativo e quantitativo, *considerados mais congruentes com a agenda contemporânea da investigação académica em educação...* (Afonso 2005: 10). Assim, podemos afirmar que o investigador participa ativamente nas aprendizagens que a criança faz, tirando conclusões aproximadas do que a criança sentiu, explorou e adquiriu.

b. Notas de campos

Antes de descrever o que são notas de campo e como elas podem ajudar na construção do estudo/pesquisa, penso ser pertinente demonstrar que estas encontram-se inseridas na observação não estruturada, como enuncia Cozby (1989), este tipo de observação *é conduzida quando o investigador quer descrever e compreender o modo como as pessoas vivem, trabalham e se relacionam num determinado contexto social, [implicando] que o investigador se insira na situação (...) e observe o próprio contexto, os padrões das relações entre as pessoas, o modo como reagem aos eventos que ocorrem ...* (in Afonso 2005: 91).

As notas de campo são uma das formas de registo da observação não estruturada, são descrições detalhadas e rigorosas do que o investigador vê, ouve e experiência. A nota de campo inclui uma identificação do local, hora, materiais utilizados, intervenientes, descrição do acontecido, transcrição de diálogos e duração. Esta forma de registo, tal como sugerem Bodgan & Biklen, *...dão uma descrição das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas* (1994: 150).

Quando se redigem as notas de campo deve-se demonstrar o que é retirado da observação realizada e o sentido que lhe é atribuído pelo investigador, a isto são chamadas as inferências. É importante no decorrer da recolha que o investigador esteja aberto a novas ideias que possam surgir na observação, colocando assim questões ao material que utiliza, a sua interpretação e a possíveis comparações. Segundo Afonso (2005), as notas de campo estão inseridas nas avaliações de dados de fidedignidade, isto é uma qualidade externa, recolhida e não “inventada”.

Em seguida apresentarei quais os procedimentos seguidos para a elaboração do relatório final.

- ✓ Observação do grupo de crianças.
- ✓ Recolha de notas de campo resultantes dessa observação, no decorrer da PES (prática de ensino supervisionada) na valência de creche.
- ✓ Construção do Problema.
- ✓ Enquadramento teórico da temática escolhida.
- ✓ Elaboração de uma breve definição da metodologia utilizada.

- ✓ Leitura de dados.
- ✓ Análise interpretativa de dados.
- ✓ Conclusão

Capítulo III – Análise de dados

Seguidamente será apresentada a análise e a interpretação de dados recolhidos durante a observação realizada. Para tal foram utilizadas as notas de campo com descrições rigorosas e detalhadas do observado, que permitem explicitar a questão levantada. Antes de iniciar a análise de dados foi necessário revê-los e organizá-los por categorias. A subcategoria (1) emerge do acompanhamento musical na exploração de atividades de expressão plástica, enquanto na subcategoria (2) temos a exploração de atividades de expressão plástica sem música.

	Grupo A: (12-19 meses)		Grupo B: (20-24 meses)	
Atividades	Com Música	Sem Música	Com Música	Sem Música
Digitinta	4	0	4	0
Pintura com pincel	3	1	4	0
Pintura com penas	3	1	3	1
Massa de cores	4	0	4	0

Tabela 1 – Reação das crianças perante atividades de expressão plástica com e sem música

A exploração de atividades de expressão plástica sem música refere-se às atividades que foram realizadas para incentivar as crianças a explorar os materiais enunciados na tabela, para adquirir e desenvolver competências de expressão.

Ao desenvolver as atividades foi necessário dividir o grande grupo em dois pequenos grupos devido à diferença de idades e respetivo desenvolvimento. Na planificação foi considerado a organização do espaço, do grupo, materiais e recursos humanos: o primeiro grupo (A) corresponde às crianças mais novas com idades compreendidas entre os 12 e os 19 meses; e o segundo grupo (B) refere-se às crianças mais velhas com idades compreendidas entre os 20 e os 24 meses. Para Cohen (1994), a essência desses métodos envolve o trabalho de alunos, em pequenos grupos, para que todos tenham oportunidade de participar da tarefa coletiva designada (in Barbosa e Jófili 1994).

A tabela apresentada anteriormente pretende responder a uma das questões orientadoras deste estudo, demonstrando como é que dois subgrupos reagem na ação da expressão plástica com e sem audição musical. É importante salientar que os dados organizados na tabela foram recolhidos a partir das notas de campo, método utilizado neste estudo. Nesta tabela observamos que existe um maior número de crianças a participarem nas atividades de expressão plástica quando esta é acompanhada por música, o que não se observa quando as atividades não são acompanhadas com música. Através das notas de campo observou-se ainda que algumas crianças demonstravam reações mais exploratórias e espontâneas quando a música se encontrava presente nas atividades.

Nesta primeira análise, verificou-se que em ambos os grupos (A e B), as crianças reagiram à música explorando mais o material de expressão plástica que lhe foi disponibilizado. Os seus movimentos corporais aumentaram e tornaram-se mais diversificados, bem como a sua concentração na atividade que estavam a realizar. De seguida serão apresentados excertos de algumas notas de campo que sustentam esta análise. Como se observa nas notas de campo seguintes,

(...) O X (1 ano e 23 meses) começa a mexer na digitinta com os dedos, observando muito os colegas. Entretanto eu coloco uma música. Com a música, num volume mais intenso, o X pula e esfrega a digitinta com movimentos mais rápidos. Quando eu baixo o som da música, os seus movimentos abrandam e ele bate com as mãos sobre a mesa olhando para os colegas e para a educadora. Quando se tira o som da música por completo, o X afasta-se da mesa e quando se aumenta novamente o volume do som ele aproxima-se começando a mexer na digitinta (...). Nota de campo de 30/04/2013

(...) Quando coloco a música, os seus movimentos começam a ser mais rápidos dependendo da altura em que está a música. Quando está mais alta os movimentos são mais rápidos, quando está mais baixa, os movimentos são mais lentos. Quando baixo o volume da música durante um período de tempo mais longo, o G pede mais e mais e mais (...). Nota de campo de 30/04/2013

Salientando agora os resultados obtidos na segunda atividade de expressão plástica enunciada na tabela, verifica-se que as reações das crianças do grupo (A) à pintura com pincel, sofreram alterações. Quanto à maior parte das crianças modificou o comportamento expressivo quando a música é colocada a tocar. No entanto, verificou-se que uma criança não revelou qualquer modificação na sua forma de explorar a atividade realizada. Sousa afirma que *a educação musical e a educação visual centram-se nas*

obras de arte, sendo a audição musical ou a contemplação de obras plásticas (...) estímulos que motivam alterações expressivo-criativas no público que as usufrui (2005: 11).

No que diz respeito ao grupo (B), com esta mesma atividade, pintura com pincel, o grupo manifesta alterações quando estão a pintar com e sem música, pois quando a música está a tocar as suas linhas são mais extensas e a exploração do papel é muito maior, tanto a nível de espaço como do uso das diferentes tintas. Na nota de campo que se segue observamos:

O G (2 anos e 3 meses) está a pintar sem música, fazendo uns traços finos e molhando constantemente o pincel na tinta. Ponho a música a tocar (Piano Piece in F Major, de Wolfgang Amadeus Mozart)... O G olha para mim sem dizer nada... Começa a fazer movimentos mais longos com o pincel e deixa de molhar com tanta frequência o mesmo na tinta (...). Nota de campo de 14/05/2013

Parece relevante referir que esta pintura foi realizada na vertical, utilizando papel de cenário e vários pinceis com diversas cores para que as crianças tivessem oportunidade de explorar uma posição relativa diferente, bem como uma forma nova de interferência da música, pois o rádio encontrava-se bem mais afastado do grupo, não podendo assim servir de visualização imediata às crianças. O resultado desta intencionalidade não foi de acordo com as expectativas, pois algumas crianças procuravam com o seu olhar o rádio, chegando mesmo a dirigir-se a ele quando a música não estava a tocar, tal como é referido na nota de campo seguinte:

O A (1 ano e 5 meses) está a pintar sozinho sem música, utilizando só um canto do papel de cenário. Eu coloco música (Piano Piece in F Major, de Wolfgang Amadeus Mozart)... O A ri-se e pinta abanando o corpo. Começa a utilizar mais o espaço livre do papel cenário. Quando baixo o volume, ele olha para mim e eu pergunto-lhe: -Queres pintar? Ele diz que sim com a cabeça. Eu respondo então pinta e ele dirige-se ao rádio ficando a olhar para mim com o pincel na mão. Eu perguntei-lhe: - O A quer música para pintar? Ele diz que sim com a cabeça... eu coloco a música e ele ri-se e volta-se de costas para mim dirigindo-se à parede onde está o papel cenário continuando a sua pintura.

Nota de campo de 14/05/2013

Através da tabela acima apresentada, observamos os resultados obtidos na pintura com penas com e sem música. Verifiquei que o grupo (A) e o grupo (B)

apresentam os mesmos resultados, pois em ambos uma das crianças não revela qualquer diferença na sua forma de explorar a atividade quando a música está a tocar ou não. Enquanto a maioria das crianças de ambos os grupos demonstra um à vontade notável com o material quando a música está presente. Sem música o grupo parece mais desperto para o que os rodeia, distraíndo-se facilmente e não explorando o material despreocupadamente.

O grupo fica mais *livre* e esquece o que o envolve, desfrutando da atividade de forma natural e espontânea, sem receios exteriores, quando a música se encontra presente servindo de estímulo. Na falta deste estímulo, algumas crianças começam a reagir procurando a música de outras formas, como demonstra a nota de campo seguinte. Como se pode observar na nota de campo seguinte,

O X (2anos) estava a pintar com uma pena sem ter a música a tocar. No decorrer da atividade troca imensas vezes de cor, seguidas... Quando está a meio do preenchimento da sua folha, o X começa a cantar uma música, baixinho, sem dar a entender qual a música que está a cantar. Vai-se entusiasmando à medida que vai pintando e sem se aperceber começa a cantar cada vez mais alto e a desenvolver traços mais fundos e cheios de cores diferentes. A meio da canção consegui perceber que cantava os parabéns a você... Quando chega ao fim da música, larga a pena, levanta-se e vai lavar as mãos sem olhar para mim em qualquer momento...

Nota de campo de 20/05/2013

Na continuidade da análise da tabela anteriormente referida, verificou-se que na última atividade realizada com ambos os grupos, massa de cores, as crianças iniciaram a atividade apenas quando a música foi colocada. Observou-se que a música serviu de estímulo às crianças para iniciarem a exploração deste material como se pode verificar na seguinte nota de campo:

A CL (1 ano e 10 meses) e a CF (1 ano e 10 meses) começam por bater com a massa várias vezes na mesa, imitando-se mutuamente; olhando constantemente para mim. Coloco a música a tocar. Ficam todos um pouco apáticos, olhando para o leitor de CDs e para mim... assim que me afasto dele, as atenções voltam-se para a mesa onde está a massa de cores. A CL e a CF param de explorar a massa em conjunto e passam a explorar cada uma na sua parte da mesa, sem olharem uma para a outra. O A (1 ano e 5 meses) e a I (1 ano e 4 meses) começam a explorar a massa, que até então estava praticamente intocável, e dançam ao mesmo tempo que vão colocando a massa na boca e à volta dos dedos. Nota de campo de 27/05/2013

Esta atividade já foi realizada anteriormente com o grupo, mas sempre sem música. Neste caso verificava-se que as crianças não revelavam interesse pelo material e afastavam-se frequentemente da mesa com a massa na mão ou no bolso, procurando os materiais lúdicos que se encontram disponíveis na sala.

Depois de observadas as diferentes reações das crianças durante as atividades de expressão plástica propostas e verificado que o grupo revelava mais interesse e gosto pelas atividades quando acompanhadas com música, decidiu-se propor novamente às crianças a atividade de massa de cores mas com música. Surpreendentemente ambos os grupos revelaram uma atitude mais positiva face à atividade. Exploraram a massa de cores recorrendo a movimentos corporais (dança), usavam toda a mesa para brincarem com a massa o que não acontecia anteriormente, revelando assim a conquista do espaço. Algumas comunicavam nomeando as suas construções, por exemplo *É a Pipa*, *É o cão* (nota de campo de 27/05/2013) – construção realizada por uma das crianças com a massa de cores, aproximando um elemento real (animal) da sua exploração.

O presente estudo apresenta alguns objetivos, tais como encontrar uma resposta que seja positiva ou negativa às questões de investigação, deste modo já podemos verificar o que foi realizado e os resultados obtidos relativamente à primeira questão.

Através da análise dos dados recolhidos pretendo responder às questões levantadas neste estudo. Desta forma, relativamente à segunda questão: Haverá diferenças substanciais na expressão plástica quando uso diferentes tipos de música no exercício? Verificou-se que ao realizar atividades de expressão plástica sem música o grupo de crianças revelava um comportamento de receio face à exploração de novos materiais e novas situações lúdicas.

Após algumas atividades de exploração decidi realizar uma atividade de expressão plástica com música, para ir ao encontro do gosto das crianças e verificar se o nível de interesse e empenho aumentava. Observou-se então que a música fazia com que o grupo se distanciasse dos seus receios e se envolvesse nas atividades de forma espontânea e despreocupada. A audição musical passou assim a ter algum valor para as crianças enquanto a exploravam, sendo que quando terminavam a atividade não falavam da mesma posteriormente. Como refere Sousa, *a expressão tem valor apenas enquanto dura a sua ação e apenas para quem se expressa* (2003: 184).

Há diferenças substanciais nas atividades realizadas de expressão plástica pelo grupo, quando este tem a música presente funcionando como um estímulo que permite à criança um maior nível de concentração no que está a realizar e uma libertação criativa maior. Quanto aos diferentes tipos de música utilizados na mesma atividade não se verificam grandes alterações. Apenas foi utilizado um tipo de música, a dita erudita. Recorri a dois músicos, um barroco, Antonio Vivaldi, e o outro clássico Wolfgang Amadeus Mozart. As características musicais das composições usadas, sublinham periodicidade rítmica, linha melódica marcada, possivelmente memorizável pelas crianças. Timbricamente as versões das obras de W. A. Mozart dadas a ouvir caracterizam-se pelo uso sons melódicos percussivos, do tipo caixa de música, em versões propositadamente preparadas para a audição infantil¹. O excerto do Concerto de Inverno da obra As Quatro Estações de A. Vivaldi, apresentando características musicais distintas, sublinha o timbre de corda friccionada do violino solo sobre o acompanhamento quase inaudível da pequena orquestra de cordas em pizzicato. Desta forma, verificou-se que a resposta a esta pergunta não pode ser de todo dada, pois a sua formulação não vai de encontro à exploração realizada. Como a diferença entre música barroca e música clássica me escapa, não me é possível a partir das músicas utilizadas responder a esta questão. Pareceu-me, no entanto, que as crianças respondiam a música no geral e não com diferentes comportamentos a diferentes tipos de música. Não posso no entanto confirmar esta inferência.

Por fim, relativamente à terceira questão: conseguirei identificar na expressão plástica diferentes comportamentos das crianças? Verificou-se que pudemos observar comportamentos através da exploração da expressão plástica, até porque comportamentos são conjuntos de reações face a determinada situação ou momento, neste caso específico é a reação que a criança tem face à atividade que está a realizar de expressão plástica. Esta é uma expressão que permite à criança não só explorar

¹ As músicas dadas a ouvir estão respectivamente disponíveis em:

<http://www.youtube.com/watch?v=5GK1xl4Etp8> - W. A. Mozart, *So Wonderful Papageno* Glockenspiel Piece, *Die Zauberflöte*.

<http://www.youtube.com/watch?v=b5ALtgfc788> - W. A. Mozart, *Piano Piece in F Major* (K 33) 1/9.

<http://www.youtube.com/watch?v=OcyjiAbHkiY> - W. A. Mozart, *Romance* (Serenata Noturna/ k 525/2) 2/9.

<http://www.youtube.com/watch?v=LeHz4zjAnXw> - A. Vivaldi, *Winter* (Four Seasons). (Acedidas a 07/07/2013).

materiais diferentes, mas também exteriorizar o que está a sentir, o que percebe do mundo que a rodeia e de si própria. Com isto, todas as crianças do grupo apresentaram diferentes comportamentos na realização das atividades lúdicas propostas. Umas demonstraram mais euforia e o seu comportamento refletia-se na exploração livre da atividade, exploravam o material de forma mais repetitiva com movimentos rápidos e lentos alternando-os, esquecendo todo o meio envolvente e até algumas regras da sala. Enquanto outros estavam mais calmos, dançavam enquanto faziam a atividade plástica, batiam palmas no fim da música, tentavam captar a atenção dos colegas com pequenas chamadas de atenção.

Desta forma verifica-se também que o comportamento de uma criança desta faixa etária depende do estímulo que o educador dá à criança permitindo-lhe ter confiança nela própria, no meio envolvente e no próprio educador. Assim tal como referem Brazelton e Greenspan *sentir-se protegidas e devem experimentar relações afetivas continuas (...) as expectativas geradas pela interação com os adultos e o desenvolvimento de capacidades reais são essenciais para a promoção de oportunidades de crescimento e desenvolvimento* (2002: 203).

Conclusão

Aprender, é investigar e conhecer através da própria experiência adquirida.

João dos Santos (1991)

Na realização deste trabalho pretendeu-se através da observação e recolha de dados responder à pergunta de partida: como caracterizar mais valias na ligação entre audição musical e expressão plástica no exercício pedagógico com crianças entre os 12 e os 24 meses? Para tal existe a necessidade de evidenciar os objetivos que foram traçados, fazer a sua relação entre si, expondo e avaliando se os mesmos foram alcançados.

Neste estudo definiram-se como objetivos primeiramente compreender a reação de dois subgrupos à exploração de expressão plástica com e sem música, segundo, se existem diferenças na exploração da expressão plástica quando utilizo diferentes tipos de música, e por fim verificar se é possível identificar na expressão plástica diferentes comportamentos das crianças.

Relativamente ao primeiro objetivo, constatamos através das referências anteriores, que a criança reage de modo diferente a atividade de expressão plástica quando tem acompanhamento musical. A grande maioria das crianças dos grupos enunciados demonstra à vontade com a expressão plástica, expressando-se sem receios, explorando de forma livre, espontânea e prazerosa o material que lhe é facultado. Este é um processo fundamental que deve ser iniciado nos primeiros anos de vida com a criança, pois é aqui que ela precisa de desenvolver as suas emoções e o conhecimento de si própria e do mundo que a rodeia.

Quanto ao segundo objetivo, de acordo com o explicitado anteriormente, esta foi uma pergunta que não obteve uma resposta positiva ou negativa, devido à falta de diversidade de tipos de música a utilizar no desenvolver das atividades de expressão plástica sugeridas. Penso que não alcancei de todo uma resposta satisfatória a esta questão devido à falta de recursos que tinha na instituição, não me preparando para levar os meus próprios recursos para a realização do estudo e não achando no decorrer do estudo que seria tão relevante a diversidade musical, pois naquele momento o que

queria era utilizar a música, ainda que indiferenciada, como estímulo da expressão plástica. Mas como todo o estudo serve para a aprendizagem do investigador e dos que o rodeiam, posso concluir que esta deve ser uma pergunta a reformular e continuar a ser explorada, dando assim uma continuidade e aprofundamento ao tema explorado. Numa próxima abordagem talvez seja pertinente o uso de computador, mp3, ou seja de ferramentas que me permitam explorar uma diversidade musical maior.

Relativamente ao terceiro objetivo, compreende-se que cada criança deve ser encarada com um ser único, deste modo cada um enuncia um comportamento diferente face a determinada situação, vivenciando o momento de acordo com as suas expetativas, com as suas explorações anteriores e com o que conhece de si própria. Deste modo, foi clarificado com este estudo que a criança apresenta comportamentos diferentes, podendo diversificar entre ser mais ativa e explorar mais a atividade de forma a esquecer tudo o que a rodeia, ou manifestar um comportamento mais tranquilo de exploração do seu espaço e do seu próprio corpo de acordo com o que está a ouvir.

Na realização deste trabalho, tal como podemos verificar a maior parte dos objetivos foram concretizados, tornando possível responder à grande questão da qual emergiu este estudo. Conclui-se que se podem caracterizar mais valias da junção destes dois domínios artísticos: a audição musical e a expressão plástica. Estas mais valias promovem na criança uma criatividade mais espontânea e acompanhada de uma componente prática que a envolve e deixa experimentar desfrutando ao máximo dos materiais disponíveis sem receios exteriores.

No entanto é relevante referir que um dos aspetos que o investigador deve ter em conta é que as questões que quer responder são complexas e requerem recursos múltiplos. O investigador deve diversificar toda a sua exploração, como por exemplo explorar a mesma atividade com e sem música mas em dias distintos para que as suas conclusões possam ser mais generalistas, tentando assim atingir todo o grupo e não somente a maioria. Deve ainda não esquecer que todo o trabalho de investigação deve contar com o trabalho em equipa, valorizando tudo o que a criança faz não exercendo expetativas sobre a criança.

Relativamente ao papel da investigação na compreensão de problemas que emergem na intervenção pedagógica, afirma-se que a investigação potencia no educador uma prática reflexiva de tudo o que realiza com o seu grupo de crianças, questionando a

realidade em que está inserido, sempre no sentido de encontrar uma resposta adequada às necessidades de cada criança que constitui o grupo, sem se deixar influenciar por juízos de valor ou preconceitos.

Desenvolver uma atitude investigativa foi muito enriquecedor para o meu processo de aprendizagem, pois obrigou-me a refletir sobre a minha prática e a encontrar uma solução adequada para o problema vivenciado com o grupo. Estas estratégias procuradas colmatam de certa forma futuros obstáculos e promovem no grupo uma segurança que lhe será vantajosa no futuro.

Constrangimentos

Na elaboração deste estudo os constrangimentos sentidos foram principalmente a gestão de tempo, pois foi difícil integrar uma nova equipa, inserir-me num contexto educativo novo e passar de observador participante a educadora responsável de sala.

Referências Bibliográficas

- Aires, A. (2006). Learning is making up senses: performing practices in teacher's training, *UNESCO World Conference on Arts Education: Building Creative Capacities for the 21st Century*. Lisboa: Centro Cultural de Belém. Disponível em: http://portal.unesco.org/culture/fr/files/29427/11346706271Ana_Levy_Aires,_ESEIMU.htm/Ana%2BLevy%2BAires,%2BESEIMU.htm (acedido a 07/07/2013).
- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação*. Porto: Edições ASA
- Alsina, P., Díaz, M. & Giráldez, A. (2008). La música en la escuela infantil (0-6). Barcelona: Editorial GRAÓ
- Amado, J. (2000). *A construção da disciplina na escola*. Porto: Asa
- Amado, M. L. (1999). O prazer de ouvir música. Lisboa: Editorial Caminho
- Arànega, S. (2003). La música en la escuela: la audición. Barcelona: Editorial GRAÓ
- Brazelton, T. B. & Greenspan, S. I. (2002). A criança e o seu mundo – requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem. (6.^a ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Branco, M (2000). Vida, Pensamento e Obra de João dos Santos. Lisboa: Livros Horizonte
- Brazelton, T. B. (2009). O Grande Livro da Criança. (11.^aed.).Barcarena: Editorial Presença
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação em Educação – uma introdução à Teoria e aos Métodos. Porto: Porto Editora.
- Côrte-Real, M. S. J. (2006). Performing Practices and Education for Citizenship at School. *UNESCO World Conference on Arts Education: Building Creative Capacities for the 21st Century*. Lisboa: Centro Cultural de Belém. Disponível em: http://portal.unesco.org/culture/fr/files/29476/11347280411Maria_de_Sao_Jos%E9_C%F4rte-Real.htm/Maria%2Bde%2BSao%2BJos%E9%2BC%F4rte-Real.htm (acedido a 07/07/2013).
- Gordon, E. E. (2008). Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M. & Weikart, D. P. (1995). Educar a Criança. (5.^aed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Kamii, C. (2003). A teoria de Piaget e a educação pré escolar. Lisboa: Instituto Piaget
- Magalhães, V. M. A. P. (2008). Formação Continuada da Prática Pedagógica. *Portal Educação: conhecimento para mudar sua vida*. Referido em <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/3734/formacao-continuada-da-pratica-pedagogica> (acedido a 03/07/2013).
- Pocinho, M. D. (2007). A Música na relação Mãe-Bebé. Lisboa: Instituto Piaget
- Santos, A. (1997). Enciclopédia de educação infantil. Rio de Mouro: Nova Presença
- Santos, J. dos (1991). Ensaaios Sobre Educação I. Lisboa: Livros Horizonte
- Sousa, A. B. (2000). Educação pela arte e artes na educação. (1º volume). Lisboa: Instituto Piaget
- Sousa, A. B. (2003). Educação pela arte e artes na educação. (3º volume). Lisboa: Instituto Piaget

Anexos – apresentação de dados recolhidos no terreno

Nota de campo N.º 1 – 19/02/2013

Nota de campo N.º2 – 30/04/2013

Nota de campo N.º3 – 30/04/2013

Nota de campo N.º4 – 30/04/2013

Nota de campo N.º5 – 30/04/2013

Nota de campo N.º 6 – 14/05/2013

Nota de campo N.º 7 – 14/05/2013

Nota de campo N.º 8 – 20/05/2013

Nota de campo N.º 9 – 27/05/2013

Nota de campo N.º 10 – 27/05/2013

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

1

Situação: Digitinta

Data: 19/02/2013

Hora: 10h30

Local: Sala

Intervenientes: Estagiária, X

Sexo: Masculino

Idade: 21meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O X (1 ano e 21 meses) quando se dirige à mesa para iniciar a atividade de digitinta mexe só com os dedos na tinta e fica a olhar para mim.</p> <p>Eu incentivo o X a continuar a abrir a mão e sentir a tinta, mas este não o fez, dizendo que não com a cabeça.</p> <p>Bem, deixei-o estar e penso em colocar uma música clássica.</p> <p>Coloco a música e passado poucos minutos vejo o X a explorar a digitinta com as mãos e os braços todos ao ritmo da música, fazendo imensos movimentos</p>	<p>Será que o X estava com algum receio de se sujar?</p> <p>Será que a música <i>liberta</i> o movimento corporal na expressão plástica?</p>

<p>circulares e sorrindo.</p> <p>Não voltou a olhar para mim a não ser quando baixei o volume da música e lhe disse para ir lavar as mãos.</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Na nota de campo acima descrita verifiquei que o X estava um pouco receoso de explorar o material que estava disponível, a digitinta. Desde o 1.º dia de estágio que fiquei com a sensação que a maior parte das crianças tinha receio de se sujar, chegando assim a minha primeira inferência.</p> <p>Alguns autores referem que:</p> <p>1. <i>A música está associada ao movimento corporal</i> (Sousa 2003: 60)</p> <p><i>Tenta acompanhar ritmos com o corpo</i> (Teplov 1969)</p> <p><i>Reação rítmica à música, com o corpo</i> (Gesell 1940)</p> <p><i>(...) como o movimento motiva o desenvolvimento das estruturas neurológicas (...) permite o desenvolvimento cognitivo e a organização da personalidade, a música, sendo movimento no espaço e no tempo (...)</i> (Sousa 2003: 20)</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

2

Situação: Digitinta

Data: 30/04/2013

Hora: 10h20

Local: Sala

Intervenientes: Estagiária, X, G, N e L

Sexo: Masculino e feminino

Idade: 23 e 28 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Explico no tapete a todo o grupo que vamos fazer, digitinta, não dizendo que vou colocar música.</p> <p>Divido o grupo em dois, ficando os mais velhos comigo na sala e os mais novos vão com a auxiliar.</p> <p>O X (1 ano e 23 meses) começa a mexer na digitinta com os dedos, observando muito os colegas.</p> <p>Entretanto eu coloco uma música. Com a música, num volume mais alto, o X pula e esfrega a digitinta com movimentos mais rápidos.</p>	<p>Será que o X quando eu tiro o som por completo pensa que a atividade de expressão plástica terminou?</p> <p>Porque será que o X abrande e apressa o movimento na digitinta dependendo da presença da música?</p>

<p>Quando eu baixo o som da música, os seus movimentos abrandam e ele bate com as mãos sobre a mesa olhando para os colegas e para a educadora.</p> <p>Quando se tira o som da música por completo, o X afasta-se da mesa e quando se aumenta novamente o volume do som ele aproxima-se começando a mexer na digitinta.</p> <p>As outras crianças presentes na mesa, paravam, olhavam para ele e continuavam a explorar a digitinta com movimentos mais rápidos.</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>1. Quando a música acaba a atividade termina:</p> <p>Este foi um diálogo que realizei com X, percebendo se ele achava que a atividade terminava quando a música acabava. O mesmo chegou a dizer no fim da música <i>Ohhhh.... Já está!</i> O que nos leva assim a concluir que o fim da música influencia na exploração que está a realizar.</p> <p>2. A presença da música influencia nos movimentos da criança:</p> <p><i>A capacidade de se movimentar é necessária para se aprender a ser rítmico e, para aprender ritmo, o movimento deve ser do tipo continuo sustentado</i> (Gordon 2008: 113).</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

3

Situação: Digitinta

Data: 30/04/2013

Hora: 10h20

Local: Sala

Intervenientes: Estagiária, X., G., N. e L.

Sexo: Masculino e feminino

Idade: 23 e 28 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O G (2 anos e 2 meses) aproxima-se da mesa e explora livremente a digitinta sem música, expressando um movimento muito suave.</p> <p>Quando coloco a música, os seus movimentos começam a ser mais rápidos dependendo da intensidade da música. Quando está mais alta os movimentos são mais rápidos, quando está mais baixa, os movimentos são mais lentos.</p> <p>Quando baixo o volume da música durante um período de tempo mais longo, o G pede mais digitinta e mais e mais...</p>	<p>A intensidade da música pode influenciar nos movimentos do G?</p> <p>Será a música promotora de maior gosto, prazer pela atividade?</p> <p>Será a música fator determinante no prolongamento da exploração do material?</p>

<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>A música pode ser promotora de prazer pela atividade se o educador lhe atribuir essa intencionalidade, não ligando ao estético.</p> <p><i>O objetivo da educação pela música é a criança, a sua educação, a sua formação como ser, como pessoa, o desenvolvimento equilibrado da sua personalidade (Sousa 2003: 18).</i></p> <p>Segundo o que foi observado, a música não é um fator determinante para a exploração do material, mas sim um fator que dá à criança um maior gosto pela exploração, um envolvimento pleno e livre de receios.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

4

Situação: Digitinta

Data: 30/04/2013

Hora: 10h50

Local: Sala

Intervenientes: Estagiária, A, CL,CF e I

Sexo: Masculino e feminino

Idade: 17 e os 22 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Após ter trocado o grupo de crianças, o grupo mais novo entra na sala e dirigem-se de imediato a mesa e começam a fazer a digitinta sem som.</p> <p>A I (1 ano e 4 meses) faz sempre a digitinta só com uma mão, mantendo a outra para baixo junto a perna.</p> <p>Hoje quando a música foi colocada a I começou a utilizar as duas mãos com movimentos rápidos e planos sobre a mesa.</p>	<p>Será que a I bate palmas por achar que terminou a atividade quando a música termina?</p> <p>A música fez com que a I se sentisse mais segura na exploração da digitinta, o que desencadeou o movimento com as duas mãos?</p>

Quando a música parava, ela batia palmas.	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Tal como referido anteriormente, o movimento torna-se mais libertador quando acompanhado de música, deste modo provavelmente a I sentiu-se mais à vontade e envolvendo-se com a música utilizou o corpo todo sem se aperceber.</p> <p><i>A música possibilita (...) avaliar o crescimento físico, psicológico e emocional da criança</i> (Pocinho 2007: 96).</p> <p>Quando a inferência enunciada relativamente ao bater das palmas no final da música, este processo acontece sempre que a I está a ouvir música e esta acaba, independentemente de estar ou não a realizar alguma atividade lúdica. Deste modo, posso concluir que a I o faz porque a música termina e não porque associa ao fim da atividade.</p> <p><i>As crianças são capazes de mostrar diferentes emoções em resposta a um estímulo</i> (Pocinho, 2007: 81)</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

5

Situação: Digitinta

Data: 30/04/2013

Hora: 10h50

Local: Sala

Intervenientes: Estagiária, A, CL,CF e I

Sexo: Masculino e feminino

Idade: 17 e os 22 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>CL (1 ano e 10 meses), CF (1 ano e 10 meses) e o A (1 ano e 5 meses) com a digitinta sobre a mesa aproximam-se e começam a espalhar com movimentos lentos, ao se colocar a música as crianças de imediato espalham a digitinta com movimentos rápidos e circulares.</p> <p>Durante a atividade com as alterações de volume da música, as crianças paravam, depois balançavam o corpo a dançar e</p>	<p>A música é libertadora de movimentos expressivos?</p> <p>A alteração do volume da música condiciona os movimentos expressivos da criança?</p> <p>A música torna a aprendizagem prazerosa?</p>

batiam palmas.	
----------------	--

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

A música torna a aprendizagem prazerosa se o educador estimular a criança para tal, assim tal como refere Sousa:

Quanto mais encorajadas as crianças forem a interagir com aquilo que ouvem (...) maior será o proveito que tiram (2008: 49).

Tal como referido em anteriores notas de campo, o movimento está intimamente ligado com a música.

A música contém sempre um elemento de prazer (Pocinho 2007: 21).

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

6

Situação: Pintura com Pincel

Data: 14/05/2013

Hora: 10h40

Local: Sala

Intervenientes: Estagiária, A

Sexo: Masculino

Idade: 18 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O A (1 ano e 5 meses) está a pintar sozinho sem música, utilizando só um canto do papel de cenário.</p> <p>Eu coloco música (<i>Piano Piece in F Major</i>, WA Mozart)...</p> <p>O A ri-se e pinta abanando o corpo. Começa a utilizar mais o espaço livre do papel cenário.</p> <p>Quando baixo o volume, ele olha para mim e eu perguntei-lhe:</p>	<p>Será a música libertadora do movimento expressivo?</p> <p>A música ajudará a explorar o espaço?</p>

<p>-Queres pintar?</p> <p>E ele diz que sim com a cabeça. Eu respondo então pinta e ele dirige-se ao rádio ficando a olhar para mim com o pincel na mão.</p> <p>Eu perguntei-lhe:</p> <p>- O A Quer música para pintar?</p> <p>Ele diz que sim com a cabeça... eu coloco a música e ele ri-se e volta-se de costas para mim dirigindo-se a parede onde está o papel cenário continuando a sua pintura.</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>A música ajuda a explorar o espaço, pois ela é movimento:</p> <p><i>Como o movimento motiva o desenvolvimento das estruturas neurológicas (...) permite o desenvolvimento cognitivo e a organização da personalidade, a música, sendo movimento no espaço e no tempo (...) (Sousa 2003: 20)</i></p> <p>A música é libertadora do movimento expressivo, pois é através destes movimentos que a música se relaciona com a criança, tal como refere Pocinho, <i>as relações da criança com a música fazem-se através do movimento (...) a música penetra profundamente na vida e no corpo da criança</i> (2007: 114)</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

Situação: Pintura com Pincel

Data: 14/05/2013

7

Hora: 10h15

Local: Sala

Intervenientes: Estagiária, G

Sexo: Masculino

Idade: Grupos dos 24 meses

Descrição	Inferência
<p>O G (2 anos e 3 meses) está a pintar sem música, fazendo uns traços finos e molhando constantemente o pincel na tinta.</p> <p>Ponho a música a tocar (<i>Piano Piece in F Major</i>, WA Mozart)...</p> <p>O G olha para mim sem dizer nada...</p> <p>Começa a fazer movimentos mais longos com o pincel e deixa de molhar com tanta frequência o mesmo na tinta.</p> <p>Quando baixo o volume do rádio, o G olha para mim e diz MAIS!</p> <p>Eu perguntei ao G:</p> <p>- Queres pintar mais?</p> <p>- Sim... diz o G</p> <p>- Então pinta G – digo-lhe eu</p> <p>O G não continua a sua pintura olhando</p>	<p>Será que a música faz com que o G consiga envolver-se na atividade, ficando mais desinibido?</p> <p>O tipo de música pode influenciar os movimentos que o G faz com o pincel?</p>

<p>para mim e para o rádio, fazendo uma expressão que faz habitualmente quando está envergonhado.</p> <p>Então perguntei ao G</p> <p>- Queres pintar com música?</p> <p>O G diz que sim duas vezes seguidas acompanhando com pequenos saltos...</p> <p>Eu coloco a música a tocar e o G continua a sua pintura.</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Toda a música influencia nos movimentos expressivos que a criança faz, pois dita a sua intensidade e velocidade.</p> <p><i>Na realidade, o movimento é a vida, a vida é sinónimo de movimento; onde há movimento há vida (Sousa, 2003: 136)</i></p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

8

Situação: Pintura livre com penas

Data: 20/05/2013

Hora: 10h30

Local: Sala

Intervenientes: Estagiária, X

Sexo: Masculino

Idade: 24 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O X (2 anos), estava a pintar com uma pena sem ter a música a tocar.</p> <p>No decorrer da atividade troca imensas vezes e cor seguidas...</p> <p>Quando está a meio do preenchimento da sua folha, o X começa a cantar uma música, baixinho, sem dar a entender qual a música que está a cantar.</p> <p>Vai-se entusiasmando à medida que vai pintando e sem se aperceber começa a</p>	<p>Será que o X associa o fim da atividade plástica ao fim da canção?</p> <p>A música faz com que se esqueça do que o rodeia?</p>

<p>cantar cada vez mais alto e a desenvolver traços mais fundos e cheios de cores diferentes.</p> <p>A meio da canção consegui perceber que cantava os parabéns a você...</p> <p>Quando chegou ao fim da música, largou a pena, levantou-se e foi lavar as mãos sem olhar para mim em qualquer momento...</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Esta questão, inferida anteriormente já foi respondida na primeira nota de campo, contatando que sim, o X quando termina a música associa ao fim da atividade que está a explorar.</p> <p><i>O ritmo está na origem do fenómeno musical. É o que confere à música a unidade temporal</i> (Pocinho, 2007: 113).</p> <p>A música tem o poder de envolver todo o grupo, fazendo com que o seu nível de concentração aumente, deixando por vezes até de ouvir quando o adulto o chama de tão envolvido que se apresenta.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

9

Situação: Massa de cores

Data: 27/05/2013

Hora: 10h00

Local: Sala

Intervenientes: Estagiária, G

Sexo: Feminino e masculino

Idade: 24 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O G (2 anos e 3 meses) explora a massa de cores com música e demonstra que o ritmo da música o influencia na rapidez com que o faz.</p> <p>Quando a música atinge um tom mais suave aproxima-se de mim e diz:</p> <p>- Pipa, é um cão.</p>	<p>Será que o G tinha receio da minha reação?</p> <p>Será que a música dita a velocidade com que ele explora o material?</p>

<p>E volta para a mesa, sem deixar que eu tenha uma reação/comente. Mostra aos colegas o que tinha feito e desperta em todos essa mesma vontade de exploração/construção.</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Eu penso que o G não tinha receio da minha reação, simplesmente estava entusiasmado com o material querendo explorar mais e mais, mostrando aos amigos o que fez e motivando a cooperação dos outros.</p> <p>A música transmite a todos nós como devemos reagir corporalmente de acordo com o seu ritmo, e com as crianças não é diferente. Um ritmo mais calmo faz com que os seus movimentos sejam mais circulares e vagarosos, enquanto uma música com um ritmo mais mexido faz com que a criança explore mais euforicamente o material.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

10

Situação: Massa de cores

Data: 27/05/2013

Hora: 10h00

Local: Sala

Intervenientes: Estagiária, CL, CF, A e I

Sexo: Feminino e masculino

Idade: grupo dos 12 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>A CL (1 ano e 10 meses) e a CF (1 ano e 10 meses) começam por bater com a massa várias vezes na mesa, imitando-se mutuamente; olhando constantemente para mim.</p> <p>Coloco a música a tocar</p> <p>Ficam todos um pouco “apáticos”, olhando para o rádio e para mim... assim que me afasto do rádio, as atenções voltam-se para a mesa onde está a massa de cores.</p> <p>A CL e a CF param de explorar a massa em</p>	<p>A música serve de estímulo para a exploração da massa?</p>

<p>conjunto e passam a explorar cada uma na sua parte da mesa, sem olharem uma para a outra. O A (1 ano e 5 meses) e a I (1 ano e 4 meses) começam a explorar a massa, que até então estava praticamente intocável, e dançam ao mesmo tempo que vão colocando a massa na boca e à volta dos dedos.</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p><i>A primeira infância uma época em que se estruturam as maiores capacidades psicológicas da pessoa, apresentando logo algumas capacidades com adiantado grau de desenvolvimento. (...) A criança possui capacidades para perceber e recordar ritmos, sons e alturas, reconhecendo imediatamente uma melodia mesmo quando é tocada em tempos ou alturas diferentes (Sousa 2003: 55).</i></p> <p>Após ler esta fundamentação teórica verifico que a música serve de estímulo para tudo o que a criança realiza.</p>	